

A subversividade do Centro de Goiânia: um transitar entre o marginal e o heroico.

Julia Cirilo de Souza, Graduanda, Curso de Arquitetura e Urbanismo CET/UEG, juliacirilo25@gmail.com
Maíra Teixeira Pereira, Doutora Professora, pesquisadora do Curso de Arquitetura e Urbanismo CET/UEG, maira.pereira@ueg.br

Resumo: O Centro de Goiânia atualmente é palco de discussões sobre sua ascensão na década de 1950 e rápido declínio nas décadas seguintes. Sua paisagem vem enfrentando a passagem do tempo, mas ainda mantém vivo esse organismo. Apesar dos desafios que se apresentam, o Centro é um dos protagonistas da cidade de Goiânia, repleto de dinâmicas sociais e territoriais, que estão presentes nos corpos e nas memórias de quem as tecem cotidianamente e delas precisam para viver, tanto quanto daqueles que encaram o transitar e o experienciar como uma aventura entre o marginal e o heroico. Essa dualidade é concretizada, principalmente nas vielas que ligam ruas paralelas do setor à Avenida Goiás. É a partir delas que a presente pesquisa é desenvolvida, baseando-se na análise dos conceitos marginal e heroico de Hélio Oiticica, e em como isso contribui para o entendimento das dinâmicas territoriais do Centro.

Palavras-chave: Vuelas. Arte Urbana. Setor Central. Goiânia.

INTRODUÇÃO

O Plano Diretor da Nova Capital de Goiás foi assinado em 1933 pelo arquiteto e urbanista Atílio Corrêa Lima (1901-1943), que adotou um desenho urbano impregnado de influências estéticas. Com a rápida expansão da cidade, o setor Central se consolidou, de fato, no decorrer da década de 1950, abrigando diversos edifícios comerciais, de serviços e administrativos (Soares, 2021, p. 4). O percurso pelo Centro durante as décadas de 1950 a 1970 foi marcado pela apropriação do espaço público pelas pessoas, incluindo residentes de outros bairros da cidade. A alta concentração de estabelecimentos nas principais avenidas, contribuiu para o frenesi urbano pelas ruas e avenidas do setor. Esse cenário começa a sofrer descontinuidades a partir dos anos 1980, quando os interesses do capital imobiliário passaram a se concentrar em bairros adjacentes. De acordo com Soares (2021, p. 5), o processo de descentralização de áreas centrais tradicionais, em que a transformação da paisagem da cidade acompanha as questões econômicas desse determinado espaço, enfatiza um outro cenário passível de análises e discussões: a apropriação do espaço urbano pela população socialmente marginalizada. O Centro passa a ser acolhido por grupos sociais como ambulantes, flanelinhas, pessoas em situação de rua, profissionais do sexo, artistas, comunidade LGBTQIAPN+, entre outros, é colocado em foco como palco de inúmeras manifestações, sejam elas artísticas e/ou culturais e sociais, como forma de reafirmar sua luta contra o descaso sofrido pelo poder público, tornando esse, um Centro Herói, ao mesmo tempo que performa como Centro Marginal. Ele, no decorrer das últimas décadas o Centro foi reinterpretado e se tornou hoje um espaço democrático e sobretudo artístico (Soares, 2021, p. 5). Essas manifestações que se convergem em diferentes pontos dentro da extensão do Centro, são estudadas na presente pesquisa dentro das Vuelas que ligam a Avenida Goiás às suas ruas paralelas.

PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

O processo de estudo e apreensão do Centro e suas dinâmicas passa pelo corpo e pela memória, e teve início com algumas visitas exploratórias no local, percorrendo espaços estigmatizados, reconhecendo como esses dialogam com o corpo em sua individualidade e com a corporalidade. A partir dessas visitas foi construída uma cartografia com registros fotográficos e sensoriais sobre os espaços percorridos, e posteriormente o levantamento de referências que trabalhavam diretamente as relações entre cidade e usuário. A obra “Os Centros das Metrôpoles: reflexões e propostas para uma cidade democrática do século XXI”, coletânea organizada por Meyer (2001), em que, junto com outros autores, são estudadas e debatidas questões relacionadas às

dinâmicas sociais e territoriais visualizadas e vivenciadas nas metrópoles do século XXI. Essa obra foi essencial para compreender as dinâmicas urbanas presentes em Goiânia, a partir de uma visão geral da urbe. A dissertação de Soares (2021) intitulada “Paisagem (re)velada: uma narrativa noturna no Centro de Goiânia” aborda de forma incisiva o estigma da noite no Centro e a importância de sua comunidade na construção da sua paisagem, retomando de forma historiográfica o lazer noturno em suas ruas. Como complemento, para compreender o discurso de Héli Oiticica e realizar uma comparação com a presente pesquisa, utilizou-se da dissertação de Galeazzi (2019) “Ornitorréio Oiticinco: as inscrições de HO entre literatura e artes”. Entendida a construção da paisagem, a busca seguinte foi para compreender as relações entre corpo e cidade. O estudo de Fabiana Dultra Britto e Paola Berenstein Jacques (2008) “Cenografias e Corpografias Urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade” traduz o reconhecimento da cidade como um ambiente de existência do corpo, e como essa relação questiona a estetização e espetacularização do ambiente urbano.

RESULTADOS

A comunidade ocupante do Centro, composta por uma pluralidade de grupos sociais, é o principal agente na reafirmação da luta contra o descaso por parte do poder público. Aliado a isso, a arte urbana funciona como um elemento de territorialização social no sentido de forma de apropriação física e sentimental da urbe, criação espacial e expressão humana. As intervenções individuais e manifestações artísticas no Centro, em especial em suas vielas, são resultado da intrínseca coparticipação do corpo e da cidade na construção da percepção, dos afetos, da memória e da paisagem urbana. É no interior das vielas do Centro que a interação corpo-arte-espaço se intensifica e, dessa forma, age como uma retificação da subversão desse território, intersectando diversos grupos sociais e suas reivindicações e lutas.

Analisando tal discurso, o artista, compreendido também como usuário, interage com o ambiente urbano, no qual ele está inserido, de maneira a sentir-se cada vez mais pertencente a esses espaços. Essas expressões estão materializadas nas intervenções presentes nos muros do Centro, tanto de forma mais transgressora, como a frase “foda -se o sistema” (figura 1), quanto com uma simples declaração “eu amo Goiânia” (figura 2).

Figura 1



Graffiti na viela da rua 07, nas proximidades do Banco do Brasil.

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

Figura 2



Graffiti e lambes na viela Delfino M. de Araújo.

Fonte: Arquivo pessoal (2023)

O Centro é hoje, portanto, um território insurgente que vai contra o discurso de uma classe dominante, que busca a espetacularização da cidade, a qual empobrece a experiência urbana e restringe as ações do corpo. As corpografias urbanas, citadas por Britto e Jacques (2008, p. 79), não são minimizadas no Centro, em contraposição a outros espaços na cidade de Goiânia que passaram pelo processo de especulação. No Centro, o corpo se move, sente o cheiro doce da fruta na banca ou da acidez da urina. Ele se inclina para olhar ou recua ao sinal de medo. Ele corre ao atravessar a avenida, para a sombra de uma árvore. Nele, a experiência urbana fica inscrita no corpo daquele que o experimenta, assim o definindo involuntariamente. Essa convivência se estende de formas diferentes às outras comunidades ocupantes do Centro que estabelecem uma relação coadaptativa do território, tensionadas pelo corpo.

Figura 3



Deriva pela rua 07, nas proximidades da Praça Cívica.

Fonte: Arquivo pessoal (2024)

Figura 4



Deriva pela viela da rua 07, nas proximidades da Praça Cívica.

Fonte: Arquivo pessoal (2024)

DISCUSSÃO

O sentido de “marginal” e “herói” utilizado nesta pesquisa é o mesmo empregado por Hélio Oiticica (1937-1980) no seu poema-bandeira “Seja Marginal. Seja Herói”, de 1968, que ainda permanece muito atual para descrever os conflitos e dilemas urbanos contemporâneos, inclusive do Setor Central. A obra de Oiticica dá voz aos que costumam ser silenciados. Os *graffiti* nos muros, a boemia nas ruas, a vida noturna da comunidade LGBTQIAPN+, a rotina dos moradores costurando becos e vielas, escancara a arte e a vida, que o sistema quer sufocar e apagar. O Centro marginal é o Centro subversivo, insurgente, que não sucumbe ao poder de quem o quer controlar, o que faz dele, por sua vez, um Centro herói.

A resistência e consequente subversividade do Centro faz dele “Marginal” e “Herói”, segundo o olhar de Hélio Oiticica. A convocação para ser revolucionário, atuar em discordância com o sistema político central, em detrimento dos menos favorecidos, torna-o herói e marginal.

Não se trata da gratuidade marginal ou de querer ser marginal à força, mas sim colocar no sentido social bem claro a posição do criador, que não só denuncia uma sociedade alienada de si mesma, mas propõe [...] a desmistificação dos mitos da classe dominante, das forças de repressão. (Oiticica, 1968, *apud* Galeazzi, 2019, p. 75)

CONCLUSÕES

A partir da discussão presente neste trabalho, a interpretação do Centro como mantenedor da memória coletiva da cidade de Goiânia e como dispositivo de produção de novas, corrobora diretamente com a arte presente em sua extensão, como meio de humanização desse espaço e reforço da democratização do seu território. Seu caráter marginal condiz com sua força dentro do cenário urbano e social de Goiânia, consolidando presença nos discursos políticos daqueles que querem categorizá-lo e espetacularizá-lo.

Não somente foi identificado que a arte revela tal condição dual de marginalidade e heroísmo, mas a interação entre o corpo e a paisagem caminha no mesmo sentido. No Centro há uma

diversidade de usuários que, por sua própria natureza de apropriação, garante a seus espaços (ruas, praças e becos) o convívio entre os diferentes, marca de sua democratização e acesso, ainda que paire sobre ele o discurso de esvaziamento ou morte. O que faz do Centro um espaço de resistência não é somente sua dimensão histórica, portanto. Essa diversidade de usuários eleva-o à condição de espaço de insurgências, dotado de uma marginalidade heroica que lhe é intrínseca.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. **Cenografias e corpografias urbanas:** um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. In: Cadernos PPGAU/ UFBA. Ano 6, número especial, 2008, p. 79-86. Salvador: PPGAU/UFBA, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/2648>. Acesso em: 27 set. 2024.

GALEAZZI, Annelise Estrella. **Ornitorrélio Oiticinco:** as inscrições de HO entre literatura e artes. 2019. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/6267>. Acesso em: 27 set. 2024

MEYER, Regina Maria Prosperi (Org.). **Os centros das metrópoles.** Reflexões e propostas para a cidade democrática do século XXI. São Paulo, Associação Viva o Centro, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Terceiro Nome, 2001.

SOARES, Havanio Silva. **Paisagem (Re)velada:** uma narrativa noturna no Centro de Goiânia. 2021. 92 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/42719>>. Acesso em: 28 set. 2024